



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE DIREITO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM DIREITO

ENTRE HIDRA E LEVIATÃ: O *NOMOS* DA TERRA DE CARL SCHMITT E O  
PARADOXO DA HISTÓRIA UNIVERSAL

Pedro Henrique Argolo Costa

Brasília

2015

Universidade de Brasília  
Faculdade de Direito  
Curso de Graduação em Direito

Pedro Henrique Argolo Costa

ENTRE HIDRA E LEVIATÃ: O *NOMOS* DA TERRA DE CARL SCHMITT E O  
PARADOXO DA HISTÓRIA UNIVERSAL

Trabalho de conclusão de curso apresentado como  
requisito parcial para a obtenção do grau de  
Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da  
Universidade de Brasília – UnB. Orientador:  
Professor Doutor Evandro Charles Piza Duarte

BRASÍLIA

2015

Pedro Henrique Argolo Costa

ENTRE HIDRA E LEVIATÃ: O *NOMOS* DA TERRA DE CARL SCHMITT E O  
PARADOXO DA HISTÓRIA UNIVERSAL

Trabalho de conclusão de curso apresentado como  
requisito parcial para a obtenção do grau de  
Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da  
Universidade de Brasília – UnB. Orientador:  
Professor Doutor Evandro Charles Piza Duarte

Brasília, 09 de dezembro de 2015

Banca examinadora:

---

Professor Doutor Evandro Charles Piza Duarte

Professor Orientador

---

Professor Doutor Menelick de Carvalho Netto

Membro da banca examinadora

---

Professor Doutorando Johnatan Razen Ferreira Guimarães

Membro da banca examinadora

---

Professor Mestrando Marcos Vinicius Lustosa Queiroz

Membro suplente da banca examinadora

## AGRADECIMENTOS

O agradecimento é aquele momento difícil em uma monografia. Você para, medita, titubeia, escreve. É complicado marcar tempo na escrita. Não se sabe ao certo em que momento preciso o texto começou. Estranha temporalidade da escrita que mais parece o tempo da saudade.

Em determinado momento de *Grande Sertão: veredas*, Riobaldo diz que “... de ouvir boi berrando à forra, me vinha ideia de tudo ser só o passado no futuro”. O Sertão tem essa temporalidade mística, que *vai-e-volta*. Sertão não é dessas coisas de que se sai, porque Sertão não é dessas coisas em que se *está*. É das complexas coisas da vida em que se *é*: “Sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando menos se espera...”.

Agradeço à minha casa, ao *meu sertão*, meu espaço do afeto. A minha mãe Neuracy, por ser meu maior exemplo de inteligência, determinação e amor; a minha irmã Maria Clara, minha grande amiga e confidente, e ao meu irmão Fábio Júnior, “Juninho”, pelo amor; ao meu pai Fábio, pelo apoio e carinho; ao Manoel Moreira, por mostrar todos os dias que família se constrói.

Brasília é uma cidade que possui uma estranha dinâmica dos afetos. Agradeço, portanto, a todos (as) aqueles (as) que me ajudaram a *fazer sertão* no concreto armado:

Ao meu amigo professor Evandro Piza pela orientação e pela *poesia*; pela discussão profunda e precisa de cada um dos pontos deste trabalho, mas também pelas conversas despretensiosas entre um café e outro.

Ao professor Julio Cabrera, pela paciência com que recebeu um inexperiente aluno do 3º semestre na turma de “História da Filosofia no Brasil”, pelo debate honesto e pela invejável capacidade em nos instigar.

Aos meus tantos (as) amigos e amigas do Programa de Educação Tutorial em Direito (PET-Dir) por terem me proporcionado a mais densa e apaixonante experiência acadêmica de minha graduação.

Ao meu querido amigo Edson de Sousa, por ter sido talvez o único, além, é claro, daquele que escreve estas linhas, que acompanhou a escrita deste trabalho desde a

primeira e insegura página até seu acabamento final. Agradeço pela crítica sempre sincera, pelos gostos compartilhados e pela divergência.

Às sempre queridas Juliana Lopes, Sorhaya Ferreira, Marina de Camargos e Ingrid Martins, pelo *riso*.

Àquelas que compartilharam comigo os meses mais incríveis da minha vida, que viveram comigo o sonho e que sonharam Barcelona, em especial à Fernanda Miranda, à Rafaela Peña e à Marcia Parente.

Aos meus amigos Diego Nardi, João Victor Fiocchi e Rafael Barreto, pela experiência cotidiana de empoderamento.

Aos amigos e amigas do meu semestre, os autodenominados “desnecessários”, por terem me ajudado a enfrentar a aridez da sala de aula da graduação em direito.

Ao amigo Pedro Godeiro, profundo conhecedor de Carl Schmitt, pelas indicações sempre pertinentes.

Aos professores membros da banca, meu sincero agradecimento por terem aceitado ler este trabalho.

*“...un meridiano decide sobre lo que es verdad”*

*B. Pascal. Pensamientos. Sección I.III – Miseria*

## RESUMO

Esta monografia tem por objeto uma análise interdisciplinar e crítica a partir do conceito de *Nomos* da Terra desenvolvido pelo jurista alemão Carl Schmitt, apresentando-o como uma chave de leitura para reorientar alguns elementos da teoria europeia do Estado, sobretudo em autores como Thomas Hobbes e Hegel. Para tanto, inicia recuperando as bases históricas e filosóficas da noção de *Nomos*, mostrando de que maneira ela se relaciona com a apropriação da terra levada a cabo pela expansão colonial e permite a construção de uma filosofia da história orientada pela Conquista imperial. Depois, faz uso do instrumental oferecido por Schmitt para criticar a teoria do estado hegeliana e sua categoria de “Tribunal do Mundo” com que ele compreende a História Universal, mostrando os reflexos tanto em Hegel quanto em Hobbes da “aparição do Novo Mundo”. Por fim, aproxima o *Nomos* da “leitura em contraponto” e da “geografia imaginativa” de Edward Said, bem como da divisão espacial da liberdade da filósofa Susan Buck-Morss. O *Nomos* serve, ao final, como uma estratégia metodológica capaz de questionar a filosofia política hegemônica em seus aspectos eurocêtricos.

**Palavras-chave:** *Nomos* da Terra; Carl Schmitt, Tribunal do Mundo; Hegel; Leitura em Contraponto; Eurocentrismo; Conquista da América.

## RESUMEN

*Esta tesis tiene como objeto un análisis interdisciplinario y crítico a partir del concepto de Nomos de la Tierra desarrollado por el jurista Carl Schmitt y una exposición acerca de su papel como una clave de lectura que permite reposicionar algunos de los elementos de la teoría europea del Estado, notadamente en autores como Thomas Hobbes y Hegel. Así, empieza recuperando las bases históricas y filosóficas del concepto de Nomos y hace una exposición de su relación con la toma de la tierra llevada a cabo por la expansión colonial y permite la construcción de una filosofía de la historia centrada en la Conquista imperial. Después, utiliza las herramientas teóricas ofrecidas por Schmitt para hacer una crítica de la teoría hegeliana del Estado y de la categoría “Tribunal del Mundo” que el filósofo usa para comprender la Historia Universal y hace una exposición acerca de la influencia de la “aparición del Nuevo Mundo” en el pensamiento de Hegel y también de Hobbes. Al final, intenta demostrar la relación de proximidad del Nomos y de la “lectura en contrapunto” y la “geografía imaginaria” de Edward Said, así como con la división espacial de la libertad de la filósofa Susan Buck-Morss. El Nomos sirve, al final, como una estrategia metodológica dotada de la capacidad de cuestionar la filosofía política hegemónica en sus aspectos eurocéntricos.*

**Palabras-clave:** *Nomos de la Tierra; Carl Schmitt; Tribunal del Mundo; Hegel; Lectura en Contrapunto; Eurocentrismo; Conquista de América.*